5.º Anno — Lisboa, 5 de Novembro de 1888 — Numero 11

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES:—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo *(Beldemonio)*; Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana.—*Soror Mariana*, conclusão, por Pinheiro Chagas.—*Surpreza e surprezas*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão.—*O guarda-chuva e a bengala*, por Alfredo Gallis.—*A tortura*, conto trad. de Vidigal Salgado.—*As nossas gravuras.—Em familia (passatempos)*—*A vir.—Um conselho por semana.—O romance de um conspirador*, continuação, por Alberto Pimentel.

GRAVURAS:—O major *Pedro Cunarro.—José Joaquim Ferreira Lobo.—O conde de S. Salvador de Mattosinhos.—A hora da lição.—Uma vivenda principesca.*

CHRONICA

Parece que a Natureza capricha em decorar com um grande scenario sombrio e pezado, como o dos velhos melodramas theatraes, os dias solemnes de tristeza e de luto.

E' o 2 de novembro, o dia de Finados, aquelle em que, no nosso espirito, revive mais nitida a recordação dos que abalaram para a eterna viagem d'onde se não volta. E como essa recordação é triste, a Natureza amanheceu turva e triste tambem, accordou lacrimosa como as viuvas e os orphãos, e como elles envolta em crepes.

Chove por sobre os cyprestes dos cemiterios. O sol teve escrupulos, teve medo de offender com a explosão das suas alegrias doidas a susceptibilidade dos vivos que choram e meditam, e escondeu-se por detraz d'um montão de nuvens muito negras, côr de chumbo velho. O nordeste bate rijamente a ramaria escura das arvores funereas que fazem sentinella nos flancos dos mausoleus. Ha, na atmosphera, uma pontinha de frio cortante, que nos chega á alma.

Não podia ser mais de molde o scenario para a nossa palestra com os mortos.

Entremos pois no cemiterio. Vamos fallar-lhes. Elles, coitados, hão de estremecer de alegria nos seus jazigos solitarios, vendo que não fôram ainda completamente esquecidos.

Paremos aqui, n'este recanto sombrio, á porta do modesto mausoleo onde habita um grande homem—o Fontes.

Lá está elle, já com o cabello todo branco, pois que a morte acabou-lhe com a unica fraqueza que em vida teve—querer dissimular as cans venerandas que tão bem ficariam ao seu typo gentilissimo d'uma distincção suprema. Veste o manto branco com que o vimos resvalar do leito mortuario para o caixão esguio agaloado de oiro. Tem a farda bordada de condecorações, unica riqueza que possuia e que levou toda para o [illegible]

hoje me regateam o tributo d'um monumento, onde me regatearam em vida o preito devido á honradez mais inquebrantavel e austera.

«Chegam-me aqui os echos do que por lá se passa. E' tudo muito triste, e sinto agora que lhes fiz, na verdade, uma falta enorme, que não devia ter morrido tão cedo...

«Os governantes de hoje, bem os vês, estão cahindo nos erros de que injustamente me accusavam, e que eu nunca pratiquei, embora o ásseverasse a voz da calumnia villã. Elles, enriquecem, emquanto o operario humilde tem de pagar o pão mais caro, e a fome negra bate á porta do trabalhador honesto. Elles, dão festas ruidosas e bailes soberbos; levantam *chalets* e palacios sumptuosos; possuem carruagens magnificas. Eu, morri pobre e pobre vivi sempre; não deixei palacios nem *villas*; leguei dividas; fiquei talvez devendo a renda da casa que habitava...

«Lembras-te das minhas *festas?* Eram simples reuniões de familia, onde havia sempre a nota alegre e simples da mais cordeal franqueza, da mais encantadora modestia. Eram singelas e despretenciosas como eu fui, como eu não deixei de ser nunca.

«Bons tempos esses, tempos honestos, em que não havia a noção do que fosse um syndicato e uma *chantage!*

«Hoje, parece que com a minha morte tudo se transformou e perverteu. Afigura-se-me que a esperavam avidamente para inaugurarem este tristissimo *steeple-chase* de delapidações, de protervias, de erros sobre erros, de insanias sobre insanias. Dir-se-ia que só eu, um simples homem, tinha o poder de pôr entraves ao desbordamento das paixões ruins que pullulavam dentro d'essas almas ambiciosas e depravadas, porque só depois da morte me ter aniquillado, é que as paixões explodiram e a vertigem do ouro cegou a gente do poder!

«O rei! Pobre soberano! Pobre martyr sem um conselheiro leal, sem um guia dedicado! A quantos perigos o expõem, a que falsissimas situações o arrastam!

«Reparaste quando se abriu S. Carlos? Elle regressava d'uma longa viagem, resuscitava d'uma morte quasi imminente, era o dia do seu anniversario natalicio.

«D'antes, bastaria um só d'estes motivos para que o presidente da municipalidade, o mais graduado dos edis, erguesse á chegada do sympathico e querido monarcha os tres *vivas* do estylo, synthese das congratulações e jubilos do povo.

«Pois d'esta vez, os *vivas* não se levantaram, ninguem os ouviu. Receiou-se que o povo sem pão respondesse com um silencio desprimoroso áquella homenagem, vingando-se, em indifferença pelo monarcha, dos erros do governo.

«Pobre rei! Infeliz povo! Fiz-lhes, a ambos, uma grande falta, fiz!...»

E o Grande Homem cala-se, como que fatigado por tantas commoções, deixando cair para traz, de chofre, o busto que soerguera lentamente do fundo do caixão. Pela face livida e macerada deslisa-lhe uma lagrima, que vae cair sobre as dobras do seu manto alvo de neve. Os olhos cerram-se-lhe de novo, na immobilidade d'um somno pezado e profundo.

Poucos passos adiante, quasi n'um angulo do cemiterio, está Sampaio, o glorioso Sampaio da *Revolução*, outro que viveu sempre pobre e pobre morreu. E' tarde, não podemos fallar-lhe; limitamo-nos a depôr sobre o marmore ennegrecido do seu jazigo singelissimo, um pobre ramo de violetas.

Mais além, descansam poetas e actores illustres, artistas de talento, politicos, jornalistas distinctos e desventurados, que trabalharam junto de nós, ao nosso lado, na mesa commum da lida ingloria de todos os dias, de todas as noites, a quem, dentro em breve, dentro de muito breve, talvez, iremos fazer companhia, redigindo com elles, na paz do cemiterio, o jornal illegivel e mysterioso d'além tumulo.

A todos esses, uma saudade.

Aqui agora, está uma cova cerrada de poucos dias. A terra que a cobre, tem um tom mais escuro, denunciando que a pá do coveiro a revolveu de fresco. Sobre ella ergue-se uma cruz negra, tosca e simples, e no alto da cruz, sob o *Requiescat in pace* symbolico, lê-se um nome curto e modesto:—*Floriano de Freitas.*

Esqueceu-lhes já este nome? Pois eu não o varri da memoria. Foi um facto da semana, que as folhas diarias narraram: um

differença pelos principios austeros da dignidade. Era um puro.

Filho d'uma pobre familia da Beira, viera para Lisboa, luctando com sacrificios inenarraveis, afim de cursar os estudos da Escola Naval. Fizera ha dias exame do primeiro anno, e foi reprovado. Só elle, entre tantos companheiros, talvez bem menos pobres, teve aquella sorte. O facto da reprovação exasperou-o. D'ahi, a resolução firme de não sobreviver á perda do seu futuro, e do que elle reputava, tambem, a perda da sua honra.

Dois tiros de rewolver disparados contra o peito, e acabou-se tudo.

O infeliz deixou uma carta, que é um verdadeiro attestado de honradez e de virtude. Dirigia-se a um amigo e dizia assim:

«Meu caro José:—Cumpro uma resolução que eu já de ha muito formára para as circumstancias em que me encontro. Vou dar-te o ultimo incommodo. Para a despeza da minha inhumação dirigir-te-has ao sr. J. M. Lopes de Almeida, a S Pedro d'Alcantara, 97. A elle e a todos de sua familia dirás que n'este momento lhes dedico um pensamento saudoso. Pede-lhe que d'aqui a alguns dias participe o caso a meu irmão Antonio. Ninguem me lastime. Isto não é um acto de desespero; é um acto de fria reflexão.

«Entregarás ao Vieira o jaquetão d'uniforme, que tenho intacto. E' d'elle. Ao Lorena, uma *chatelaine* de moedas berberes, e a mais pequena das bengalas maltezas. A maior, guarda-a tu, como recordadação minha. Das minhas táboas nauticas farás melhor e mais prolongado uso do que eu.

«Pede aos nossos camaradas que me acompanhem no meu ultimo passeio pelas ruas de Lisboa. Isso ser-me-hia muito agradavel. Desejaria muito que no cemiterio não me deitassem para a valla commum. A *Hollanda* é do dr. Neves, a quem a restituirás. Apressa-te a participar isto na Escola Naval, para evitar que appareça nos jornaes a famosa noticia:—*foi exonerado, etc.* Fazendo votos para que nunca attráias sobre ti os furores do illustre corpo docente da Naval, despeço-me de ti com um longo abraço.

Lisboa, 25 de outubro de 88.

Floriano de Freitas.»

Pois é elle que aqui descansa, com o coração varado por duas balas, n'esta cova humida, cerrada de fresco, sobre a qual se ergue uma cruz negra, tosca e simples.

Não logrou fazer, com as dragonas de official de marinha pendentes dos hombros, nenhuma viagem a longes terras. Aos 17 annos—uma creança—fez esta comprida viagem aos mundos ignotos d'onde ninguem volta, de que ninguem falla.

«Os furores do corpo docente da Naval!»

E lembrar-se a gente de que ha por ahi tanto imbecil feliz e laureado!...

A chuva continúa a cahir, a cahir lá das alturas. O sol não apparece. Está frio, gela-se-me a alma. Deixemos em paz os mortos, e recomecemos o nosso penoso *struggle for life*, até que a vida nos fuja no derradeiro arranco.

Amanhã, tornando a ouvir a Tetrazzini em S. Carlos, quem se lembrará ainda dos miseros que morreram? Quem?

O mundo é assim, e a vida é isto...

SANTILHANA

SOROR MARIANNA

III

Conhecemos poucos episodios tão profundamente humanos e tão profundamente verdadeiros como este episodio dos amores da religiosa portugueza com o joven e brilhante official francez; e os que negaram a authenticidade d'estas cartas, eram bem fracos psychologistas. Se Saint-Simon disse a sério que parecia impossivel que a [illegible] excellente official, uma tôrre, [illegible] pela ardente portugueza, era [illegible] do

tambem achamos apparentemente impossivel que elle tivesse inspirado paixões ardentissimas, sabendo comtudo, perfeitamente, que o decorrer dos annos cava um abysmo entre os elegantes rapazes que fizeram as amorosas conquistas e os velhos cacheticos que se lembram d'ellas com saudade.

Evidentemente, Noél Bouton de Chamilly tinha em rapaz esse typo de conquistador que endoida tantas mulheres! São ellas mil vezes mais intelligentes do que esses guapos officiaes que adoram: entregam-lhes com todo o ardor a sua alma apaixonada e não recebem d'elles em troca senão as manifestações ephemeras de um capricho sensual, que ao mesmo tempo lhes acaricia a vaidade. Quantas vezes teem traçado os grandes romancistas e os grandes dramaturgos esse typo de Don Juan *bellâtre*, que se deixa adorar, e que inspira paixões que elle nem partilha nem comprehende!

E' o capitão Phebus de Châteaupers da *Notre-Dame* com a apaixonada Esmeralda, typo cem vezes repetido e cem vezes verdadeiro, e que tanto se parece com o nosso Chamilly. Quando lemos as scenas das entrevistas de Phebus com Esmeralda, como que pintamos na imaginação tambem as scenas de Chamilly com Marianna. Estamos vendo a freira, como a cigana, admirando o seu bello official, folgando de lhe brincar com a espada, acariciando gentilmente o fogoso cavallo que traz ás amorosas entrevistas o capitão de couraceiros. Elle, da mesma forma que Phebus, acha exitante para o seu desejo o trajo estranho da deliciosa rapariga que o adora e a sua belleza original, acha tambem picante o severo fato religioso que dá relevo pelo contraste á formosura meridional da ardente Alcoforada, como se dizia então. Phebus de Châteaupers devia ter chegado tambem na sua velhice aos altos cargos militares da côrte. E' provavel que houvesse sido condestavel, como Chamilly foi marechal de França. E nos serões do seu castello medieval, affagando o bigode branco, havia de fallar com ufania do amor que por elle sentira aquella provocadora pequena, como Chamilly obeso fallaria nos serões de Versailles, pavoneando-se, da paixão que inspirára á freirinha de Beja. Naturalmente não o acreditavam, porque todos teimam em imaginar que os marechaes de França nunca foram tenentes ou capitães, e elle então apresentaria o masso dos documentos comprovativos, d'essas formosas cartas cujo tom inflammado daria a essa sociedade tão convencional e apertada nas leis inflexiveis da etiqueta, uma sensação completamente nova e recebida com enthusiasmo.

Veiu logo a popularidade das cartas, e da popularidade resultou, como sempre acontece, o escripto apocrypho: as *Novas cartas*, as *Respostas* etc. Transformaram estas ultimas aquelle Chamilly, que nos salta da tela com uma verdade tão clara e tão nitida, n'um personagem convencional que responde áquellas cartas inflammadas como se elle fosse capaz de lhes responder.

Digamos agora uma coisa: façamos a este pobre Chamilly a justiça que lhe é negada pelos enthusiastas da religiosa. O tom das cartas não é evidentemente o de uma ingenua, e o sr. Luciano Cordeiro notou isto com muita finura, tanto assim que, com uma intuição digna de Balzac, presentiu na apaixonada religiosa *la femme de trente ans*. Não nos parece portanto que Chamilly seduzisse e enganasse a freira, promettendo-lhe casamento. Provavelmente ella foi á grade, *flirtou* com elle, como faziam tantas outras, queimou-se no fogo que accendêra, e d'ahi veio a catastrophe. Que havia de fazer depois? Raptal-a do convento e esconder os seus amores como Stradelli?

...dov' offrono
Secura vita
Tra i verdi margini
Baia romitla
E l'ampia Napoli
Col suo rumor.

Perdia a sua carreira completamente, não dava á freira uma posição acceitavel, e preparava uma triste vida para ambos. Depois, confessamol-o, o amor de Marianna Alcoforado era ardentissimo, mas ainda assim não era tão absorvente que a impedisse de ir carregando com esse fardo até aos 83 annos. Se ella tivesse morrido de amor, se se tivesse suicidado, se tivesse enlouquecido, [illegible] uma certa razão ás accusações feitas a Chamilly.

Nós odiamos o Phebus de Châteaupers, porque Esmeralda [illegible]

diamos que fizera muito bem em não se condemnar a passar a sua vida entre os ciganos, para ter na sua velhice uma cigana velha e hedionda, como a resplandecente Esmeralda havia de vir a ser, a aturar. Chamilly casou, passou honradamente a sua vida, morreu marechal de França, rodeiado do respeito e da estima de todos, que se limitavam a achal-o um poucochinho tapado. Se Marianna, expulsa do convento por causa d'elle, arrastasse ao mesmo tempo uma vida miseravel, viesse a ser uma mulher perdida, flagellada pelo desprezo da sociedade, o papel de Chamilly seria realmente odioso. Mas não foi assim; Marianna continuou a ser freira; esteve quasi a ser abbadessa, apresentando-se como candidata n'uma eleição em 1709, em que apanhou 48 votos, ao passo que a sua competidora, a madre Joanna Velloso Bulhão, obteve cincoenta e oito, e por conseguinte triumphou. Não havia pois razão para que Chamilly tivesse grandes remorsos. Ella por um triz que não foi abbadessa; elle chegou a ser marechal de França. Se o marechal de Chamilly viesse com o embaixador a Portugal pelos tempos de D. João V, e fosse visitar o convento da Conceição, e lhe fizesse as honras da casa a velha Marianna Alcoforado, como se ririam! Ella diria comsigo, vendo o obeso marechal:

—O que! este é que é aquelle gentil capitão de couraceiros por quem eu estive quasi a endoidecer de amor! Sempre gostava de lhe perguntar o que é feito d'aquella cintura de vespa a que elle apertava o talim da espada, quando montava a cavallo, e saia a galope pela porta de Mertola, seguido pelos meus olhos arrebatados e amorosos!

E elle diria por outro lado, tambem comsigo:

—O que! esta velha madre, alcachinada e encarquilhada, é que é aquella graciosa freirinha por causa de quem eu fiz tantas tropelias aqui ha uns bons quarentas annos, a ponto de que a vereação da terra teve de representar contra os disturbios que em Beja, estava fazendo a cavallaria franceza!

E riam-se de certo á socapa, escondendo-se um do outro, a não ser que um relampago lhes illuminasse de repente essa epoca florida de sua vida, e que trocassem a essa recordação um doce olhar humedecido de lagrimas.

Resta ainda outra accusação dirigida a Chamilly, cuja inanidade nos parece tambem facil demonstrar. Accusam-n'o, por que elle teve a indiscripção de mostrar as cartas e de consentir que ellas fossem publicadas.

Ora sejamos justos! Se elle não encontrasse as cartas, e se ellas não fossem publicadas, quem fallaria hoje em Marianna Alcoforado? Quem se dava ao trabalho de ir revolver os archivos de Beja para descobrir a sua filiação e os vestigios da sua existencia? Quem lhe consagraria livros enthusiasticos? Ninguem, de certo. A' indiscripção de Chamilly deve a freira portugueza a sua gloria, a auréola que lhe cingiu a fronte, que lhe conciliou as sympathias enternecidas da posteridade.

Quantas coisas haveria ainda a respigar n'este livro excellente! quantas indicações preciosas alli se encontram ácerca da vida conventual e da vida social do seculo XVII! Teriamos tambem que fazer algumas observações, a maior parte das vezes elogiosas á traducção das cartas; mas tudo isso nos levaria muito longe, e é necessario pôr termo a este estudo. Isso fazemos, felicitando mais uma vez o sr. Luciano Cordeiro pela sua obra primorosa.

PINHEIRO CHAGAS

SURPREZA E SURPREZAS

—

(Montégut)

I

Uma manhã de fevereiro, o bom pintor Paulino Servais, viu entrar no seu *atelier* um sujeito bem vestido, ligeiramente gordo e evidentemente incapaz de ter inventado a polvora, o qual, depois dos cumprimentos do estylo, lhe fallou d'esta sorte:

—Sr. Servais, como toda a gente, conheço-o por tradição. Admirei no Salon os seus quadros; a despeito da sua mocidade, o sr. é um mestre, nos retratos, ao [illegible]

Servais agradeceu, e o desconhecido proseguiu:

[illegible]

—Perfeitamente; visto que a conhece, não ignora que ella é formosissima! Tenho por costume offerecer-lhe, no dia do seu anniversario, uma pequena surpreza, impacientemente esperada. Este anno, imaginei dar-lhe o seu retrato, pintado pelo sr.

—A's suas ordens.

—Mas para que a surpreza seja completa, e aqui é que está a difficuldade, é preciso que o sr. a retrate de memoria, sem que ella o sonhe; arranjarei as cousas de maneira que o sr. a encontre, que ella *pose* para si, sem o suspeitar.

—Não é facil, mas é possivel, em todo o caso; diligenciaremos...

—O preço? realmente, não me atrevo...

—Atreva-se.

—Dez mil francos?

—Acceito

E depois de apertarem as mãos, separaram-se, reciprocamente encantados!

No dia immediato, Paulino Servais recebeu a seguinte carta:

«Minha mulher vai esta noite á Opera, camarote 4. Não falte e poderá contemplal-a á vontade. No terceiro entre-acto encontrar-nos-hemos no *foyer*. Estarei só, conversaremos. Servandon».

—Excellente, monologou Paulino; enfiemos a casaca.

Ainda não dissemos que Servais tinha trinta annos e que era um bonito rapaz, elegante até á affectação, conquistador até ao excesso. Um privilegiado da vida na ampla acepção da palavra.

Na Opera, o pintor binoculou fixamente a sr.ª Servandon. Não havia engano possivel, ella estava só.

Terminado o exame, o pintor concluiu, enthusiasmado, que nunca mais harmonioso e delicado modelo se lhe deparára, e que bastava ver uma só vez esta physionomia, para que ella nunca mais podesse ser esquecida.

Pela sua parte, e em virtude do magnetismo que se transmitte de longe, a formosa sr.ª Servandon sentiu-se perseguida por esse olhar, a principio curioso, depois apaixonado; voltou a cabeça, e lentamente, os olhos semicerrados, a bôca graciosa, perscrutou os fauteuils.

Reparou em Paulino; e como a despeito da sua adoravel expressão de myope via perfeitamente, achou-o tal qual elle era: um bonito rapaz. Bonito, nada vulgar, condecorado, não obstante ser extremamente novo. Digam o que quizerem, a fitinha encarnada é o melhor realce da mocidade attraente. Sublinha-a e duplica-lhe o valor. Mais tarde, é inutil e banal, quando é só isso.

Paulino Servais mereceu pois as attenções da encantadora senhora Servandon; e quando, nos dias que se seguiram, ella o achou sempre no seu caminho, concluiu, com tanta convicção como benevola sympathia, que fizera uma conquista.

E' inutil accrescentar que o pintor não se esqueceu de affirmar ao marido, que tinha a certeza de apresentar um trabalho que deixaria todos satisfeitos.

Encontravam-se nos theatros, nas soirées, em todas as festas.

Ella scismava, tentando em vão decifrar o enigma, perguntando a si mesma como poderia o seu admirador adivinhar-lhe as intenções, saber de antemão onde ella ia, apparecer-lhe por todos os lados, como se fosse a sua sombra. O acaso não tem essa persistencia.

—Meu bom amigo, disse um bello dia Paulino a Servandon, meu amigo, permitta-me este titulo, fui ha tres dias apresentado a sua esposa, nas Variedades, valsei com ella, tenho-a visto vinte vezes, conheço-a optimamente. Mas o peior é que ainda a não vi senão em toilette de baile, de grande uniforme. O sr. promettera arranjar-me um retrato em toilette de estar em casa. E' precisamente essa sr.ª Servandon que me falta conhecer. Visto que já lhe fui apresentado, creio que não ha inconveniente em que o sr. me apresente em sua casa, sem ser esperado, *como por acaso*, e então poderei encetar a minha tarefa. Está combinado?

—A'manhã, ás tres horas, appareça. Acharei um pretexto. Recebel-o em minha casa, querido amigo, é um prazer, quasi uma honra... Mas tome cuidado, não deixe que nos surprehendam o nosso segredo. Olhe bem, repare, possua-se do seu assumpto, mas de maneira que ella não suspeite.

—Tranquillise-se.

II

de modernismo, fragil e nervosa, toda feita de harmonia nas formas e nos tons. Ficou só cinco minutos, particularidade que não deixou de ter a sua importancia.

Em seguida, Servandon entrou. Conversaram por espaço de dez minutos. Por ultimo, Servandon levantou-se e foi buscar a mulher.

—Henriqueta, apresento-te o sr. Paulino Servais, cujo nome has-de ter ouvido.

Henriqueta estendeu deliberadamente a mão ao artista.

No seu vestuario familiar, fluctuante e cingido ao corpo, flexivel e tentador, ella era ainda muito mais bonita do que no apparato da toilette ceremoniosa. Servais sentiu que se não a amasse já, começaria a amal-a. Conversaram vivamente, ligeiramente, como pessoas de sociedade, que teem os mesmos gostos e as mesmas relações.

Henriqueta pensou: «Fez-se apresentar, segue-me, ama-me. E' um bello rapaz, cheio de talento; meu marido não passa de um imbecil.»

No fim de um quarto de hora, retirou-se.

—E então? perguntou Servandon.

—Começarei amanhã, e repito-lhe que ha de ficar satisfeito!

Servandon abriu um album de photographias, todas da sr.ª de Servandon.

—Escolha, disse, offerecendo-o ao pintor.

Paulino, encantado, escolheu uma, a mais simples, a mais bonita, e levou-a unida ao coração.

Na escada, tirou o retrato do peito, fitou-o e riu-se.

N'essa noute, Henriqueta, pensativa, não quiz sair.

O amor perturbava-a e ella não tinha forças para fugir-lhe. Recordou-se da sua mocidade, do seu casamento sem amor, dos seus vinte e seis annos incompletos... E o diabo segredava-lhe cousas inebriantes e perfidas.

Machinalmente, abriu o album, que a representava em todas as edades. Era uma maneira, como outra qualquer, de consultar o seu passado, de prender a sua virtude agonisante a memorias longiquas... Saltou-lhe logo aos olhos uma pagina branca, um logar vago. Estremeceu. Paulino Servais ficára só um instante; amava-a, não restava duvida; roubara o seu retrato, era evidente.

E nervosamente, chorou, sem bem saber porque;—tristeza ou alegria?

A noute deslisou cheia de sonhos, e como ella aconselha sempre bem ou mal, ao amanhecer, Henriqueta adorava o pintor e, mentalmente, pertencia-lhe.

III

Uma dama velada bateu no dia immediato á porta de Paulino Servais. Um creado, já habituado a identicas visitas, curvou-se, e sem dizer p lavra, introduziu a estranha.

Ao meio do *atelier* do artista, em pé, em plena claridade, segurava com a mão um pouco tremula a perfida photographia, que contemplava fixamente. Na tela, desenhava-se o esboço de um retrato, já reconhecivel...

Henriqueta viu-o, soltou um grito e estendeu as mãos para o pintor.

Elle reconheceu-a logo, pela sua figura e pelo seu perfume.

Não houve explicações; eram inuteis e talvez estragassem tudo. Foi na eloquencia do silencio que as suas almas se entenderam, e mais do que nunca, em identicos lances, o silencio é de oiro e oiro puro.

Tres dias depois, Servandon interrogou o pintor e este certificou-lhe que conhecia sufficientemente o seu modelo e que o negocio caminhava ás mil maravilhas.

E o artista contemplava a tela, desvanecido e contente de si e da sua obra..

—A proposito, accrescentou o negociante, encantado; aqui está o que combinámos.

E depoz sobre a meza dez notas de mil francos.

Paulino empallidecera, mas conteve-se prudentemente.

—São para os seus pobres.

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA LOBO

Nem por isso se amaram menos,—de um amor sincero, que conta seis mezes de existencia—e acreditem-me, se quizerem, ainda hoje se amam.

Guiomar Torrezão.

O GUARDA-CHUVA E A BENGALA

Desde quando se inventou o guarda-chuva?

Desde quando se usa a bengala?

Perde-se na indecifravel e obscura noite dos tempos uma resposta satisfactoria a estas duas perguntas.

E' de prever que tanto um como outro d'estes objectos sejam contemporaneos entre si.

Nos seus passeios pelas extensas florestas dos tempos primitivos, a bengala era indispensavel ao homem para se defender das feras, e o guarda chuva para se abrigar da agua despedida pelas nuvens.

Claro está que, sob o ponto de vista artistico, tanto uma como outro estavam de certo muito longe de se poderem comparar com os luxuosos e elegantes seus congeneres hoje conhecidos.

A bengala não iria muito além de um nodoso tronco arrancado da arvore, e o guarda-chuva, de uma folha larga e verdejante como aquella que varias gravuras nos apresentam resguardando Paulo e Virginia, fugitivos por uma floresta da ridente região das pampas.

Seculos e seculos se passaram antes que o homem podesse transformar em objectos mais ou menos elegantes, estes a que a necessidade justifica o uso.

A bengala, na sua primitiva forma um cajado proprio para defesa, guarda e arrimo do homem, ainda hoje, em certos pontos da terra, conserva a sua prehistorica contextura.

Quanto ao guarda chuva parece que foram os chins quem primeiro usaram d'elle, dando-lhe uma fórma regular e agradavel á vista.

Os povos do Oriente usaram de guardas-chuvas ou guardas-sol, pois serviam para estes dois fins, desde a mais remota antiguidade. Ao principio feitos em fórma de palio para erguer o qual era necessario o esforço de muitos homens, entrando na sua fabricação o ouro, a prata, a seda e o linho, passaram a umbellas, mais leves e de fórma redonda, e d'ahi ao simples guarda-sol destinado ao uso particular de cada pessoa.

O palio era apanagio dos imperadores e dos chefes lithurgicos, e a umbella de simples magnates.

O chim não abandona o seu guarda-sol de papel de seda e filetes de bambú, nem que o matem. Faz parte da sua existencia, dos seus habitos, dos seus costumes, e das suas tradições. Só o ultimo dos párias não possue um guarda-sol e um leque. Na Asia, os potentados mahometanos, os soberbos califas e poderosos emires possuem guarda-sol fabricados de pennas de avestruz e recamados de pedras preciosas. No Afghanistan e na Tartaria fabricam-se verdadeiras maravilhas no genero, ainda assim longe de excederem em bellesa, brilho das côres, transparencia do estofo e resistencia ao vento, os singulares seus congeneres fabricados em Pei-Ho e Ning-Pó.

Na Europa, o guarda-chuva é bastante usado, especialmente em Inglatêrra, onde se fabricam os magnificos *automatus*, que se fecham instantaneamente por meio de uma mola adaptada no punho.

O bom inglez sem adulteração, não abandona jamais o guarda-chuva, parecendo-se n'este ponto bastante com o chinez.

A França, paiz da arte, da elegancia e do bom gosto, não podendo tornar *coquette* o guarda-chuva destinado ao sexo forte, aproveitou as sombrinhas para as senhoras, e fez d'ellas um objecto de arte e de luxo, onde as rendas, as flores, as fitas, os laços e os bordados se alliam maravilhosamente.

A côrte de Luis XV, esse rei que deu nome aos saltos dos sapatos, aos colletes, ás casacas e ás cabelleiras, usou magnificas sombrinhas, que a arte de hoje não desdenha de imitar e de

Na primeira exposição de Paris, a sympathica e desditosa esposa de Napoleão III, então em todo o apogeu da sua gloria, maravilhou as parisienses apparecendo no Bois com uma sombrinha toda feita de rosas de setim e franjada de seda, imitando folhagem.

Ainda hoje, nos grandes armazens viennenses, belgas e parisienses, se ostentam nas vitrines esplendorosas sombrinhas, que são o encanto das senhoras, o desespero dos maridos, e a tortura das invejosas.

A bengala tambem hoje vae tornando á sua antiga preponderancia, usando-se já as chamadas á Directorio, cujo merecimento consiste na belleza dos castões. Nós, que em melhores tempos possuimos bastantes supremacias, tanto na politica como nas artes, tivemos no paiz—pertencente a el-rei D. João VI—uma bengala em cujo punho se achava engastado um brilhante, que, segundo a tradição, excedia em tamanho, limpidez e altura os melhores conhecidos das diversas corôas da Europa.

Da bengala não se sabe o destino, e do seu precioso punho... ainda menos.

Adaptando porém a bengala e o guarda-chuva á sua correlação com os diversos caracteres e edades, encontram-se n'elles curiosas indicações.

Vejamos:

Bengala de canna da India de castão de marfim e anilha de prata com firma, indica conselheiro aposentado, senhorio rico, ou official maior de secretaria.

Badine de unicornio, fininha como um vime, de castão elegante e ponteira de prata, em mãos de velhos é indicativo seguro de bajojo pretencioso a conquistador; e nas de rapaz, de dandy reles ou filho de brazileiro rico.

A' Directorio, é usada pelos rapazes do tom e pelos amanuenses pelintras, que querem fingir-se gentes endinheiradas, e existem desde os bellos e valiosos castões antigos de prata lavrada, até á deshonestidade do misero latão, nivellado para os que não tendo vintem, pretendem apparentar o que não são.

Bengala de canna da India, grossa como um cajado, de ponteira alta e castão de bronze imitando uma perna dobrada pelo joelho ou consistindo n'uma simples móca de ferro, é apanagio indispensavel do policia secreto, do fadista e do fanfarrão covarde, em cujas mãos ella representa a propria arma com que paga os seus atrevimentos e basofias.

Exceptuando estes typos especiaes, ha milhares de bengalas mais ou menos elegantes, mas que não pertencem a certa e determidada classe de individuos.

O sapateiro, quando civilisado, tambem sente especial predilecção pela bengala de canna da India, clara e de castão de marfim ou dente de javardo.

Quanto aos guarda-chuva, pertencem ao velhote cautelloso e prudente, que desconfia de continuo da mais leve e diaphana nuvem que se forme no horisonte, ou que receia os raios do sol, e de ordinario aos medicos e generaes reformados.

Onde porém o guarda-chuva se ostenta em toda a sua imponente magnificencia, é entre os saloios.

E' da praxe tradicional que o saloio deve ir fallar á sua conversada provido de guarda-chuva ou guarda-sol, o que é indifferente, como se fosse preparado para receber um calor senegaliano ou um aguaceiro invernoso.

E' com a ponteira de latão d'esses babylonicos e resistentes abrigos, que elles gravam na areia do solo figuras symbolicas que, substituindo a deficiente palavra, traduzem ás aleitas do seu coração as tempestades de amor que lhes agitam os arcanos mais reconditos da alma.

Esses guardas-chuva providenciaes são de ordinario de côres alegres predominando o azul celeste e o vermelho carregado. As suas varetas de baleia, reforçadas de contrafortes metallicos, ternam-n'os resistentes a um cyclone das Antilhas. O cabo grosso, chapeado e consistente, póde, em caso de necessidade, substituir uma lança ou um forcado, e, quanto ás suas predestinadas funcções, executa-as muito além de toda a espectativa, não dando de si a menor razão de queixa.

O guarda-sol saloio é afamado e conhecido por todos aquelles que teem feito as suas digestões pelas arrecadas de Mafra, e na mão do regedor influente torna-se um symbolo quasi divi-

O CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS

que lhes serve de ponto de mira emquanto o *mancipal* velhacaz lhe segreda ao ouvido, nos bancos da Patriarchal e da Avenida, propostas equivocas de uma jantarada barata, nas hortas, ou uma ida ao Chalet do Rato até ás onze da noite.

Os movimentos da inseparavel sombrinha traduzem o estado do seu espirito, e os tropas já as conhecem melhor do que as vozes de commando do cabo instructor ou do sargento da companhia.

Na mão dos velhos paes de familia, o guarda-chuva foi o ponteiro demonstrador com que elles traçaram á familia, nos seus passeios ao campo, as evoluções das hostes combatentes em 33 e 46, inflammando-se d'esse santo enthusiasmo liberal e patriotico de que hoje não resta *ni agua*...

O assumpto encheria volumes, e apenas desejo ao leitor: que possua uma boa bengala para se defender dos fajardos que nos assaltam em plena cidade, e um melhor guarda-chuva contra as inclemencias de um mau dia de janeiro.

ALFREDO GALLIS.

A TORTURA

(De Hector Passard)

Eu, que o conheci intimamente, não podia comprehender o motivo pelo qual, sendo elle dotado de tanta bondade e tão affectuoso, tinha uma tal aversão ás creanças. A este respeito era verdadeiramente intratavel!

Quando as pessoas das suas relações lhe invadiam a casa, acompanhadas d'um rancho de creanças, o meu amigo ficava nervoso. Apertava a mão ás mamãs, pousava por ceremonia os labios nas faces das creanças e pretextando um trabalho urgente, enfiava immediatamente para o escriptorio.

Lembro-me de que uma vez o ouvi censurar certas caricias exageradas, umas certas explosões de ternura maternal, verdadeiros ataques de affecto, como podem ser os de nervos, affagos que constituem um culto que as mães prestam a esses pequeninos seres côr de rosa, muito mimosos, muito delicados, é verdade, mas tambem muitos inconscientes. Qualificava elle de inopportunos, de descomedidos, de ridiculos, uns certos cuidados, certos mimos, uns sustos, umas exclamações exaltadas proprias das mães.

Como era um bom marido, extremamente attencioso, cheio de cuidados e desvelos para com sua mulher, senhora muito doente, julguei eu, por muito tempo, que aquella frieza para com as crianças, e a aversão aos prazeres da paternidade, eram apenas um fingimento, para consolar a esposa da sua estealidade; mas por outro lado reflectia tambem que, para disfarce, era cruel de mais. Além d'isso, lembrava-me tel-o um dia surprehendido a contemplar a furto umas creanças e notado no seu olhar uma ternura suavissima em que as envolvia, mas que em seguida, como se reconhecesse a necessidade de conter esse enternecimento expontaneo, de resistir, digo, a esse impulso inconveniente, desviára bruscamente o rosto.

Uma occasião, á noitinha, encontrara-o, á esquina d'uma rua e com a gola do sobretudo levantada, a fallar com uma mulher aleijada acompanhada de tres creanças, que saltitavam em redor d'elle como pardaes esfomeados, tiritando de frio sob a nascente plumagem.

Vi-o trocar umas palavras com a mulher, e pelos agradecimentos d'esta conclui do avultado da esmola. E com effeito eram bem dignos de lastima aquelles pobres herdeiros da miseria!... O meu amigo, depois de ter mettido na mão de cada um, uma pequena moeda de prata, apontou-lhe para uma conservaria proxima e ficou-se a contemplar com ar condoido as pobres creanças pallidas, minadas de escrophulas, tropegas e vacillantes.

N'esse dia jantámos juntos.

[illegible] parecia-me, como sempre, [illegible] ouvir o jornal os discursos de costume, [illegible] de [illegible] uma [illegible] grossura, o que [illegible]

Decorrera porém mais d'uma hora e elle sem voltar. Como eu tinha de ir vêr ainda alguns doentes, despedi-me de sua esposa, promettendo-lhe fazer caminho pela pharmacia e restituir-lhe o seu ferido o mais brevemente possivel. Sahi, com effeito, mas como não o encontrasse na pharmacia, continuei o meu caminho.

Passados talvez oito dias, vejo entrar Henrique no meu gabinete, as feições transtornadas, o rosto macerado revelando um soffrimento moral intenso, e um completo abatimento physico. Tira do bolso um embrulho mal atado e pede-me, mas extremamente perturbado, o favor de lh'o guardar.

«— E' uma grande fineza que te fico devendo, dizia elle, porquanto o que aqui te entrego é uma recordação saudosa, que desejo não fique exposta á curiosidade de minha mulher.»

E como eu, estupefacto, o interrogasse com o olhar, o meu amigo cae n'uma cadeira e desata a chorar infantilmente.

Eu estava attonito e commovido, se bem que nada comprehendesse d'aquella inexplicavel explosão de dôr. Tanto mais que, conhecendo-o intimamente, sabia que só uma grande desgraça poderia a tal ponto fazer-lhe perder o seu imperturbavel sangue frio; em todo o caso, não me atrevia a interrogal-o.

Estava-me lacerando a alma vêr o pobre rapaz lavado em lagrimas.

O peito arquejava-lhe em espasmos, e batendo phreneticamente com os pés, apertava ao mesmo tempo nervosamente com as mãos o objecto que motivava aquella insolita crise.

Eu não atinava com uma palavra, uma só sequer, de consolação banal, que o distraisse um momento que fosse, da sua dôr.

Passado um largo espaço, recuperou animo e contou-me a sua cruel historia.

Havia seis annos que tinha por amante uma costureira que elle havia conhecido joven ainda, séria e honesta. A gentil rapariga não podera esquivar-se ao affecto do meu amigo, traduzido em palavras suaves como o perfume das rosas, e cedendo ao imperio da paixão pelo homem que então já amava estremecidamente, tornara-se mãe.

O pequenino ser, nascido na sombra d'uma união clandestina, constituia a felicidade do meu amigo, acordando n'elle sensações até ahi desconhecidas. Não se passava um unico dia que se não demorasse junto da filhinha, umas vezes aguardando que ella despertasse, outras adormecendo-a nos braços; agora embevecido quando a creancita largando o seio da mãe voltava o rosto para lhe sorrir quando elle entrava; mais tarde jubiloso, quando ella, saltitando-lhe sobre os joelhos, lhe affagava os cabellos da barba, fitando-o risonho, como se tentára dizer— papá!

Bem quizera elle romper esta união criminosa; mas que valia, se o prendiam os laços inquebrantaveis d'uma paternidade clandestina e inconfessavel, cujas responsabilidades e perigos elle reconhecia claramente?

E todavia, de tal modo se habituara manso e manso a esta partilha, que a sua existencia deslisava-se tranquilla entre o legitimo lar e o retiro occulto da sua amante, a ponto de acabar por se persuadir de que os dias se seguiriam sempre assim, sem a minima alteração. Por isto e por que era homem discreto que a ninguem confiára o segredo d'aquella felicidade embora illegitima, não tinha a receiar que uma indiscripção qualquer podesse ir perturbar os placidos dias da sua esposa, que se considerava feliz.

Intimamente, comquanto não o confessasse, é de julgar quanto elle não soffreria, ao presenciar as caricias que os paes prodigalisavam, diante de todos, aos seus filhos, sem receio, sem vergonha, ao passo que elle era obrigado a escapar-se furtivamente e a esconder-se de todos, para ir passar um momento junto do berço de sua filha, a cobrir-lhe de beijos os louros cabellos que lhe guarneciam o rostosinho de anjo.

Como poderia elle ver com bons olhos esses pequeninos seres privilegiados a quem os paes podem amar desassombradamente e de que as mães chegam a fazer gala, como se elles fossem [illegible]

[illegible] insolentes, [illegible] eram estas caricias prodigalisadas

rigia brandamente, observando-lhe quanto era injusto e como era offensiva a maneira por que tratava as suas amigas...

Pois hoje tudo acabou!

D'esse adorado anjo, da filha do seu coração, d'aquelle pedaço da sua alma rejuvenescida, nada resta já ao meu desventurado amigo.

O pobre anjo soltára o ultimo alento, asphixiado n'um accesso de escarlatina perinciosa. A doença demorara-se apenas oito dias. Não foi licito ao desgraçado poder sequer velar junto do berço da creança devorada por uma febre intensa. Succumbido de dôr, fôra constrangido a entrar todas as noites no domicilio legal, e com o coração ulcerado, mostrar-se risonho e prazenteiro! O pobre martyr teve occasião de sentir bem a fundo quanta dôr pode alancear um peito humano!...

Sem proferir uma unica palavra, como aquella desolada mãe o torturava só com um olhar, ao vel-o abandonar, por doze horas pelo menos, o berço onde deixava agonisante a sua filha!

E como elle atrozmente o comprehendia!...

Como elle sentia quanto desespero irradiava o olhar d'aquella martyr, resignada a ser a unica a receber o ultimo suspiro da pobre creança!

Quantas vezes o coração, a trasbordar de angustia, parecia querer estalar-lhe no seio. Bem quizera elle proclamar bem alto a verdade; repellir com a ponta do pé os inexoraveis preceitos sociaes que lhe vedavam o direito de correr para junto de sua filha; disputal-a á morte; escudal-a contra o peito, e ao sentir ainda palpitar-lhe a vida, insufflar-lhe a sua para prolongar-lh'a um momento sequer!...

Mas não ousara!

Em nome de que direito iria toldar de luto a existencia de sua mulher, victima innocente do seu crime? E todavia, que angustia acerba!... E como aquella infeliz lhe não lançaria em rosto o seu cobarde procedimento!... Como ella não deveria sentir um profundo despreso por aquelle homem, que na hora da suprema angustia abandonava o berço estremecido, sabendo quantas vezes a creança moribunda o não buscaria com o seu torvo olhar!...

Mas quado se sentiu prestes a enlouquecer, foi quando pela manhã distinguiu, ainda a distancia, dois homens collocarem na berlinda o ataúde que encerrava o corpo inerte da creança, e o carro funebre caminhar vagarosamente para o cemiterio! ..

N'aquellas quatro taboas ia toda a sua vida!

O desgraçado devera n'aquella hora ter estacado assombrado de dôr; quizera ter expandido a sua alma; confessar a alguem o seu supplicio; assim foi que correu como louco a minha casa, a depositar nas minhas mãos o pequeno cofre que continha o ultimo brinquedo de sua filha!...

Em tão tristes circumstancias, entendi que era meu dever acompanhar a casa o desventurado moço. Estava elle de tal modo abatido e em estado tal de excitação nervosa, que chegou a inspirar-me receios.

Sua mulher esperava-o para almoçarem juntos. Tranquillsada por mim ácerca do *ligeiro* incommodo do marido, começou por pôl-o ao facto das novidades caseiras occorridas durante a sua ausencia

O alfayate veio trazer a conta.

O governador civil emprasou-te para ires jantar com elle hoje, e o procurador regio teima em não nos dispensar do baile de mascaras esta noite.

Mas é melhor não irmos... accrescentava sorrindo benevolamente a esposa do meu amigo... Depois, é um baile infantil; e como tu não gostas de creanças, mandei-lhe pedir que nos dispensasse...

VIDIGAL SALGADO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O MAJOR PEDRO CANAVARRO

O reumo com [illegible]

*

Pedro Slessor de Sousa Canavarro nasceu em Lisboa aos 26 d'abril de 1813, contando, pois, 75 annos completos á data do seu fallecimento. Era filho segundo da nobre casa dos barões de Arcossó; e seu pae, general do exercito portuguez, educou seus filhos nas gloriosas tradições militares, sabendo elles continual-as como valentes soldados sem temor e sem mancha. Pedro Canavarro, ainda muito novo, casou com o ex.ma sr.a D. Maria das Dores Mousinho da Silveira de Gouveia, filha do general Luiz Ignacio de Gouveia e sobrinha do notavel ministro Mousinho da Silveira, que com a penna de estadista radicou na patria as instiuições liberaes, que Saldanha e Terceira haviam conquistado com a espada das batalhas.

Dos chamados voluntarios da Rainha, assentou praça em caçadores 5, e aos 15 annos de edade teve de emigrar para Inglaterra. D'ali veiu para a ilha Terceira, e foi um dos 7:500 bravos que desembarcaram na praia do Mindello, sendo um dos mais valentes soldados de toda a campanha liberal, e como tal considerado pelos seus superiores, e merecendo a estima muito particular de D. Pedro IV, que sabia reconhecer a valentia alliada á dedicação e á lealdade. E o reconhecimento do seu valor singular consta de documentos officiaes: ordens do exercito, em que lhe foram conferidos postos por distincção.

Mal terminada a lucta dymnastica, começou a guerra a que podemos chamar «dos partidos»—lucta politica que servia a ambição dos homens, que a acobertavam com a fé e a crença doutrinarias. Pedro Canavarro estava sempre ao lado da Rainha, e entrando em todas as refregas, sempre na frente, na batalha de Torres Vedras conquistou o posto de major, mas foi esse dia o ultimo em que viu a luz da vida: uma bala, apanhando-o na fronte, prostrou-o, deixando-o para todo o sempre na treva perpetua e negra de uma completa cegueira. Assim, aos 33 annos, teve de dizer adeus final á gloria, ás aspirações legitimas, ao exercito a que elle bem queria como filho dilecto de uma familia de soldados! Devia ser muito triste aquelle momento cruel em que lhe chegou a realidade de que nunca mais veria a santa esposa, nem lograria vêr filhos e netos, que tanto estremeceu, sem que conhecesse um só, ouvindo-lhes apenas a voz, e recompondo na imaginação, com uma fidelidade notavel, o rosto de todos elles.

*

Não ha descripções possiveis. Aquelle martyrio é para um quadro, não se pinta em um artigo. Quarenta e dois annos de escuridão: a esposa a morrer, os filhos a nascerem, a casarem, a perpetuarem-lhe em encantadores netinhos a sua descendencia; e elle sempre na treva, sem vêr os sorrisos da alegria, nem as lagrimas da cruciante dôr! Lisboa deve ter uma perfeita recordação d'esse infeliz, de vêl-o percorrer as ruas encostado ao braço de sua estremecida filha, a ex.ma sr D. Maria da Gloria Mousinho da Silveira Canavarro, hoje baroneza de Ribeira de Pena, a companheira de todas as horas da sua vida sem luz, e que póde dizer-se que até ás portas da morte lhe foi guia, pois que nos seus braços soltou o ultimo suspiro, na sua casa de Santa Marinha em Traz-os-Montes.

*

Pedro Slessor de Sousa Canavarro era moço fidalgo por successão de seus avós; tinha a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz, o officialato da Torre e Espada e os habitos da Conceição e de Christo. Mais que todas estas distincções, apreciava a medalha das campanhas da liberdade, algarismo 7—medalha de oiro, do bom e distincto comportamento militar.

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA LOBO

[illegible]

forte, que deve exclusivamente a si a clareza [illegible]

A HORA DA LIÇÃO

partição em 21 de junho de 1883, e a secretario director geral (logar que hoje exerce) por decreto de 5 de agosto de 1886, tendo sido, em tempo, agraciado com a commenda da Conceição.

O serviço publico tem encontrado sempre n'elle um obreiro incansavel e um funccionario de merito excepcional. E ao seu aturado estudo e inexcedivel dedicação deve o Tribunal de Contas as paginas mais brilhantes da sua historia.

O campo das aptidões de Ferreira Lobo, é vastissimo: onde desapparece o funccionario distincto, surge o escriptor primoroso e o jornalista e polemista vehemente e convicto, sempre verdadeiro e imparcial, tão justo em tecer elogios como em fustigar erros, não sacrificando principios a interesses, nem perdendo no ardor da peleja o sangue frio e serenidade d'animo, só proprios d'aquelles que, antes de defender uma causa, sem convencem da efficacia d'ella.

Ferreira Lobo redigiu por muitos annos o *Diario Illustrado*, o *Jornal da Noite*, e o *Diario Nacional*, folha que se tornou notavel pelos seus artigos de severa critica dos nossos costumes, e collaborou na *Monarchia*, *Correio da Europa*, *Atlantico*, e outros que n'este momento não nos occorre citar.

Como escriptor, além dos seus dois Regimentos annotados, publicou em 1870 *As palavras de D. Pedro* 5.º, obra em que colligio e compillou todas as fallas e epistolas pronunciadas e escriptas pelo Senhor D. Pedro em todos os actos officiaes e publicos do seu reinado, precedendo este trabalho d'um prologo em que faz a resenha dos principaes factos em que mais influiu a excepcional energia e não vulgar talento d'aquelle illustrado monarcha, compondo ao mesmo tempo, em sentidas phrases repassadas de profunda magua, o elogio do infeliz rei, cuja perda todos os portuguezes tão profundamente sentiram.

Em 1871 viram a luz da publicidade as suas *Confissões dos ministros de Portugal de* 1832 *a* 1871, obra muito valiosa e notabilissima.

Em 1884 publicou outro volume intitulado, *Instrucção Geral e Historia dos serviços do Ministerio da Fazenda*, que não foi o seu ultimo trabalho litterario, porque a sua efficaz collaboração tem-se feito sentir nos Diccionarios *Popular*, de Pinheiro Chagas, *Universal* de Zeferino, do *Poro*, editado pela empreza Horas Romanticas, e muito especialmente no diccionario *Hespanhol-Portuguez*, do seu fallecido collega Manuel do Canto e Castro.

A Instrucção primaria e a caridade tambem lhe devem acrisolados serviços, a primeira, na sua qualidade de membro e mais tarde Presidente da Junta Escolar de Lisboa, e a segunda como vogal do Congresso de Beneficencia, director do asylo da Ajuda, (logar que exerceu por muito tempo) e secretario da *Direcção da Sociedade Promotora de Creches*, instituições estas onde o seu nome é pronunciado com veneração e respeito e para todos objecto de consideração e estima.

Nas eleições de 4 de agosto de 1878, realisadas em virtude da promulgação do Codigo administrativo de Antonio Rodrigues Sampaio, foi José Joaquim Ferreira Lobo eleito pelo concelho d'Oeiras procurador á Junta Geral do districto de Lisboa, que depois o elegeu seu secretario. Os interesses locaes dos seus constituintes foram ahi advogados de modo tão proficuo, que sempre que este corpo administrativo tem sido renovado, o concelho de Oeiras não sabe escolher outro nome, e Ferreira Lobo ainda ali teria hoje o seu logar, se posteriores reformas não tivessem alterado a divisão estabelecida pelo codigo de 1878.

•

No trato intimo, Ferreira Lobo é delicado e affectuoso, caracter dotado de grande bondade e extrema benevolencia; atrahe e não affugenta os que d'elle se acercam a pedirem o seu sabio e prudente conselho.

——

O CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS

Acaba de fallecer no Rio de Janeiro, onde a sua morte causou uma impressão vivissima, este nosso compatriota illustre e benemerito, que vinculou o seu nome venerando e digno a tantas e tão valiosas obras de caridade, enxugando muita lagrima, aliviando muita dôr,

pela segunda vez, durante esse largo periodo consagrado especialmente a soccorrer e beneficiar os portuguezes necessitados do seu auxilio. Mattosinhos, onde elle nasceu, e Leça de Palmeira, onde tão assignalados serviços prestou sempre, fizeram-lhe uma recepção enthusiastica.

O illustre finado era presidente perpetuo da *Sociedade de Beneficencia Portugueza* no Rio de Janeiro.

—

A HORA DA LIÇÃO

E' a hora da lição. A *Lili* e o traquinas do *Tótó* acabam de vir occupar os seus postos á mesa do estudo, onde a mãe, solicita e carinhosa, lhes toma a lição, sem conseguir arranjar, para a circumstancia, uma cara severa, de mestra rabujenta.

O *Tótó* lê, e subito, deixa escapar-se-lhe dos labios uma syllabada medonha. A *Lili* troça-o e ri-se d'elle, dizendo para a mãe:

—Oiça, mamã, oiça este disparate do *Tótó*! Parece incrivel! Não tem vergonha!

Tal é a attitude em que a nossa gravura a representa.

—

UMA VIVENDA PRINCIPESCA

Nos ultimos dias de maio de 1879, a rainha de Inglaterra, imperatriz das Indias, atravessou Paris, para se dirigir á India, onde ia passar algumas semanas nas margens do lago Maior.

Sua magestade foi habitar perto de Baveno, na vivenda Clara, que o seu proprietario, mr. Charles Henfrey, recusando alugar, havia posto graciosamente á disposição. Esta bellissima residencia, que tem o defeito talvez de reunir todos os estyllos, está interiormente adornada de um luxo maravilhoso e os seus jardins são de uma magnificencia admiravel. O sitio não podia ser mais bem escolhido. A nossa estampa de hoje representa aquelle opulento palacio, digno d'uma rainha.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

——

CHARADAS

Aos charadistas novatos,
Que os miolos dão a tratos
P'ra matar uma charada,
Dedico esta, e bem creio
Que perdem logo o receio,
Dando a prima chacinada:—1.

Esta segunda, porém,
Fica aqui ou fica além?—2
Decidam tal brincadeira,
Pois póde perder a vida,
Se lhe der e fôr sentida
Fortemente esta terceira!—1.

Não precisam de conceito,
Mas vá lá, vae a preceito
Para toda a clientella:
Em dias de funçanata,
Ponho lá talher's de prata,
E tambem a mais baixella!

Vizeu

PEQUENO ANTONINHO.

——

No mercado da Ribeira,
Eu entrei na quarta feira
Quando do banho voltava,
Para ver as ovarinas
Por entre as phrases mais finas
Uns gorazes lhes comprava.

P'ra lá vou, e mui peixinho
Vejo que tem, bem fresquinho,
P'ra vender, a tal peixeira.

Por 'star muita multidão,
Chego, não sem afflicção,—1
Da velhota emfim á mesa;
O peixe, p'ra bem o ver,
Eu começo a remexer,
Quando a velha assim me *reza:*

—Olá, *freguez?* vão sardinhas,
Uns carapaus, pescadinhas,
Ou quer acaso robalos?
—O que diz? ora não ha!
Os seus peixes guarde lá,
Que eu cá não quero *roubal-os!*

MATHEUS JUNIOR.

——

Na musica é natural a offerta—1—3.
No galope é feroz o navio—1—2.
Pesca e gira o furacão—2—3.
A cidade corre para a viagem—2—2.
No vacuo e no lyceu ha este appellido—1—2.
A' entrada ouve-se este instrumento—2—1.

Faro. M. CRISPIM.

——

ENIGMA

(A Affonso Joaquim Pinho)

E' nome d'um'ave,
Seis letras contém:
São quatro vogaes,
Notae isto bem.

De syllabas duas
Tambem é formado,
Mas tem só tres letras.
Será decifrado?

Não é, não senhor,
Lhe digo outra vez,
Pois tendo seis letras,
Reduzem-se a tres.

JULIO GONÇALVES FIXO.

——

Decifrações

DAS CHARADAS:—Pisa Trimestre.
DO LOGOGRIPHO:—Itamarandiba.

A RIR

——

Colhido na Avenida, á noite:

—Sempre os homens são muito perfidos! Tenho tres amantes, e todos elles me enganam!

*

No tribunal:

Juiz — E' esta a decima quarta vez que vocemecê é preso por ladrão!

O criminoso — E' verdade, sr. juiz! Mas então, que quer v. ex.ª? Se eu tenho tanta vergonha de andar por ahi a mendigar!...

UM CONSELHO POR SEMANA

——

CONTRA O BOLOR

O oleo de terebenthina é o melhor preservativo para impedir o bolor [illegible]

O ROMANCE DE UM CONSPIRADOR

——

(Continuado do numero anterior)

II

D. Brites de Sousa tinha realmente manifestado desejo de ir viver com seu marido em Castella.

Pesava-lhe a vida que levava longe d'elle, com um filho pequeno nos braços. Chamava-se João o filho legitimo de Fernão da Silveira. O conspirador tinha outro filho, illegitimo, que houvera de uma manceba de nome Iza'el Rodrigues, e que havia nascido em 1480.

D. Brites chegára a fallar aos do conselho d'el-rei para que lhe obtivessem a concessão de passar a Castella. Mas obtida a concessão, soubera que Fernão da Silveira tinha mandado ir a manceba e o filho.

O seu coração amantissimo não foi superior a este golpe. Resolveu não ir por castigar a infedilidade do marido, que no homisio preferira as consolações da familia illegal ás da familia legitima.

Eis aqui a rasão que determinou a recusa de D. Brites.

O certo era que Fernão da Silveira vivia em Castella sem disfarces de mancebia. A sua existencia, cortada de continuos sobresaltos e receios, que o faziam esperar a toda a hora o punhal assalariado por D. João II, achava lenitivo nas expressões affectuosas da manceba, que na desgraça se tornára mais dedicada.

Sabia o foragido que o rei de Portugal procurava constantemente actuar no animo de Fernando e Izabel para leval-os a entregarem-lhe o conspirador. Receiava que os reis catholicos viessem a ceder, e n'esse caso contava com uma infallivel morte ignominiosa, com uma vingança terrivel que nem os seus restos mortaes respeitaria. A pelle do seu corpo serviria para cobrir a cadeira de D. João II.

Em Castella, nas horas em que não frequentava a côrte, onde assiduamente concorria para sondar a seu respeito o animo de Fernando e Izabel, fraquejára por vezes aquelle homem forte, cuja altivez assombrára o conde de Benavente, e merecera elogio ao proprio D. João II.

Perante a rigidez indomavel do rei de Portugal, antolhava-se-lhe desolador o futuro. Se lograsse escapar aos sicarios armados pela colera de D. João II, o que era muito pouco provavel, teria que viver e morrer longe da patria com o labeo de conspirador, sempre vexado pela necessidade de receber agasalho e protecção.

As sombras da noite punham-lhe no espirito o constante receio de emboscadas; atravessava as ruas com o sobresalto com que pode atravessar-se um sertão povoado de féras. Não se permittia a fraqueza do medo, não evitava as horas sinistras da noite, por mais que Izabel Rodrigues lh'o pedisse; mas tinha sempre presente o espectro da morte por traição.

Quando recolhia a casa, esquecia nos braços carinhosos da manceba, que lhe apresentava o filho, os sobresaltos d'aquelle dia, e repousava como o naufrago n'um porto de abrigo.

A's vezes tinha furias de raiva contra D. João II, o assassino do duque de Vizeu, o flagello da nobreza portugueza, como elle lhe chamava. Retratava-o moralmente como um tyranno sedento de sangue e poder. Justificava a reacção da nobresa, e a sua, declamava como um verdadeiro jacobino do seculo XV, como um *sans-culotte* que se tinha antecipado trezentos annos aos da demagogia franceza.

A manceba ouvia-o tremendo com o filho sentado nos joelhos, e procurava aquietal-o com palavras brandas.

Mas Fernão da Silveira perguntava-lhe se poderia ter animo tranquillo e sereno um homem a quem D. João II, se o apanhasse, faria esquartejar, pregando-lhe os quartos nas portas de qualquer cidade ou villa, e a cabeça no pelourinho da praça publica.

Lembrava-lhe que o odio de D. João II costumava ser tão profundo e sanguinario, que não respeitava nem as regalias de nascimento nem os laços de parentesco.

Perguntava-lhe se não sabia que o duque de Bragança fôra decapado no cadafalso da praça de Evora; que em Abrantes ce[illegible] temôr já que, por se ter refugiado em Castella, não podera ce[illegible]

dro de Athayde, que fugindo de Setubal para Santarem fôra preso no caminho, publicamente degolado e feito em quartos.

Os fidalgos castelhanos continuamente estavam avisando Fernão da Silveira das repetidas instancias que D. João II fazia junto dos reis catholicos para que lh'o entregassem. O conspirador teimava em não querer parecer fraco, deixava-se ficar, sempre intimamente sobresaltado e desconfiado.

Mas em 1488, como D. João II enviasse a Castella uma embaixada a pedir para o herdeiro da corôa a mão da filha primogenita dos réis catholicos, Fernão da Silveira, receiando que pelo facto do casamento se estreitassem, como era natural, as relações de amisade entre as duas côrtes, resolveu-se a fugir para França acompanhado pela manceba e pelo filho.

Não devia, porém, considerar-se muito seguro em França um conspirador representante da nobreza insurgida contra o poder absoluto dos reis.

Luiz XI, que tinha morrido poucos annos antes, em 1483, havia sido um inimigo implacavel dos poderosos senhores do seu reino, que formaram contra elle a celebre liga do *Bem publico*. Sabe o leitor que Luiz XI se fizera rodeiar de gente de baixa estôfa, que continuamente atiçava a colera do rei contra a nobreza. Vivera mano a mano com o seu barbeiro Olivier Le Daim, e tratava por compadre o preboste Tristan, executor dos seus planos sanguinarios.

Estava ainda muito viva a lembrança das crudelissimas represalias de Luis XI,—da vingança que tirára do seu ministro Jean Balue, que de simples presbytero chegára a ser cardeal de Santa Susana e que, suspeito de ter atraiçoado o rei seu amo, o duque de Borgonha, fôra, no castello de Plessis, encerrado n'uma gaiola de ferro, onde não podia estar senão deitado, para

onde Luiz XI, assaltado pelos terrores da morte, fazia vigiar as avenidas pelo barbeiro Olivier e pelo compadre Tristan, que se encarregavam de enforcar nas arvores do parque todo o individuo que podesse inspirar-lhes desconfiança.

Luiz XI havia pois morrido em Plessis, onde passara os ultimos dias passeiando ao longo de uma vasta galeria, torturado pelo medo da justiça eterna, sem que podessem tranquillisal-o o espectaculo dos combates de gatos e ratos, as danças dos camponezes, as orações e as penitencias a que se entregava, e sem que podesse avigoral-o o uso de beber o sangue das creanças no intuito de fortalecer-se e remoçar.

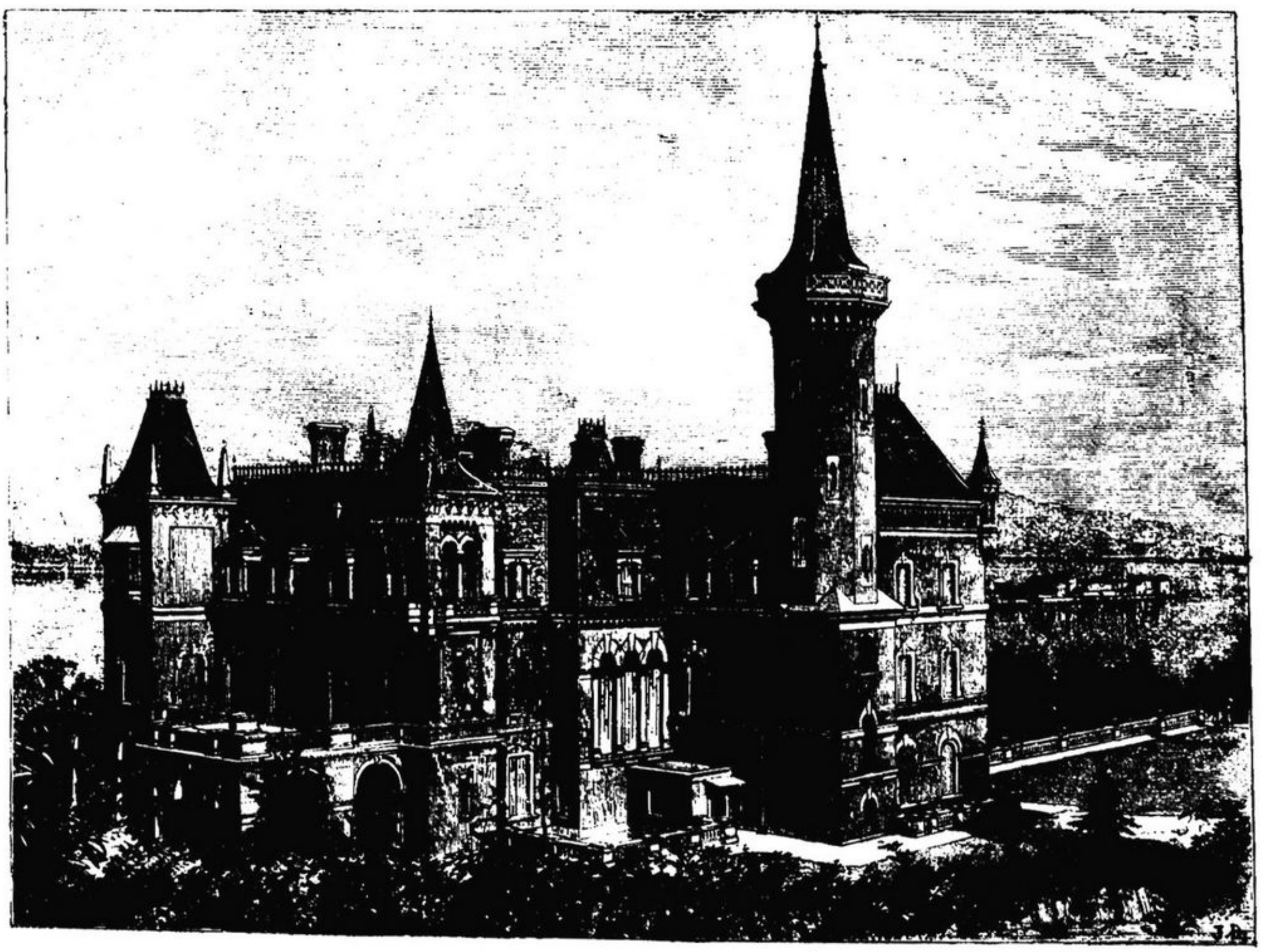
Nem este tonico vivificante, nem o soccorro do eremita da Calabria, que mandára buscar para consultal-o, e ao qual pedia a vida chorando, haviam podido salvar da morte Luiz XI.

O herdeiro do throno, Carlos VIII, tinha treze annos quando foi proclamado rei, e sua irmã, Anna de Beaujeu, investida na regencia, procurava conservar intacto o poder real, dominando a nobreza.

Depois da batalha de Saint-Aubin, ferida em 1488, em que o duque de Orléans cahira prisioneiro nas mãos da regente, que o conservou dois annos encarcerado, diz-se que, principalmente, por vingar-se dos seus desdens amorosos, Fernão da Silveira entendeu como mais prudente abandonar uma côrte, onde a nobreza continuava a ser esmagada pelo poder real, e foi estabelecer o seu *faux mentage* em Avinhão, a cidade sagrada, que um legado do papa governava.

Em Avinhão, Fernão da Silveira [illegible] de cerrada me-

Laura de Petrarcha, e aproximava o seu destino do destino



UMA VIVENDA PRINCIPESCA